

narración, cuanto al porvenir de la obra”. Estas palabras funcionan como clave interpretativa en el trabajo de Alejandra Laera que, ensanchando la definición, la convierte en el principio constructivo que preserva a la novela del envejecimiento al transformar lo político en histórico. Laera agrega a los fines combativos, las pretensiones estéticas de esta “ficción calculada” en argumentaciones que jaquean los facilismos de etiquetas que, por ejemplo, corroboran a *Amalia* como novela histórica o verifican los rasgos del héroe romántico en Daniel Bello: “La ‘herida oficial’ en el muslo de Eduardo puede leerse, entonces, como metáfora textual [...] Mármol conjura la inviabilidad de ciertas tácticas de oposición al rosismo modificando una opción estética del romanticismo y construyendo el personaje de Daniel como el protagonista que librará batalla contra Rosas”.

Creo que la divergencia —que Laera hace explícita— es el denominador común de los textos reunidos en *Letras y divisas*. Porque, a contrapelo de las letras que con certezas de molde acallan disonancias, estos artículos perturban. Es cierto que hay muchos modos de intranquilizar la academia, aún dentro de ella misma: está de moda posar de “*enfants terribles*”, ostentar un escepticismo displicente o cultivar el terrorismo verbal con modales groseros. Otra opción es la estos autores que yo llamaría “modernos”. Tan modernos que persisten en la creencia de la función crítica de nuestra práctica; modernos también por algunas ideas que sostienen las escrituras: la idea de que el fragmento puede revelar algo mayor, la idea de que en lo estético se imprime tanto lo político como lo histórico o la idea de que en la contingencia de lo individual, pueden leerse los conflictos y los sueños de una comunidad.

CONICET

ADRIANA RODRÍGUEZ PÉRSICO

RAÚL ANTELO, MARIA LÚCIA DE BARROS CAMARGO, ANA LUIZA ANDRADE, e TEREZA VIRGÍNIA DE ALMEIDA, organizadores. *Declínio da Arte, Ascensão da Cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas/ABRALIC, 1998.

No “Prefácio” do livro, os seus organizadores qualificam os 25 ensaios nele reunidos de atos de *airesis*, ou “heresias”, praticados à maneira de uma “teologia negativa” cujo fito específico é o de reexplicar a doutrina literária canônica ao invés de abjurá-la. Não se trata, segundo afirmam, de apostasia, pois o herege “não é quem renega um credo mas aquele que apela para o mesmo cânone dos ortodoxos, com a ressalva, porém, de interpretá-lo em outra direção” (8). Encaradas sob esse prisma, as múltiplas e variadas colaborações de *Declínio da Arte, Ascensão da Cultura* talvez possam ser tidas, pois, por “salutarmente heréticas”, termo esse com que os “editores” caracterizam, aliás, a condição da crítica contemporânea em geral.

O presente volume inclui alguns dos trabalhos apresentados no colóquio internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), celebrado em Florianópolis, Santa Catarina, em março de 1997, sob os auspícios do Núcleo de Estudos Literários e Culturais da UFSC e do CNPq. O encontro arregimentou especialistas de vários países — Holanda, Bélgica, Espanha, Portugal, Venezuela, Uruguai, Argentina e Brasil — bem como

de diversas disciplinas— Teoria da Comunicação, Estudos Culturais e Teoria da Literatura, além da Literatura de per si. É de notar, no livro resultante, uma certa ênfase nas letras e culturas do Mercosul: Brasil, Argentina e Uruguai. Mas nem por isso cabe supor-se existir nele um discurso unívoco ou unitário no tocante à temática em questão. Pelo contrário, como reza um comentário de orelha, “[d]esse mosaico de vozes decorre uma análise polifônica, já que não babélica, que tenta dar conta do caráter heterogêneo e problemático que apresentam as análises culturais da cena contemporânea”. Aliás, os organizadores do livro optaram por não traduzir as colaborações redigidas pelos colegas hispanófonos, mantendo-as na língua original da comunicação com o objetivo de ver “o outro como si mesmo”.

Se bem que alguns dos ensaios girem em torno do tema enunciado no título da obra — o qual, aliás, servira de eixo ao próprio congresso— outros gravitam antes para áreas circunvizinhas. Dentre os principais tópicos tratados, destacam-se, por exemplo, a pós-modernidade, as tendências da cultura finissecular atual, a transculturação, a globalização e a desterritorialização da cultura, a hibridação, o multiculturalismo, a indústria da cultura e a mídia eletrônica, a cinematografia periférica, as relações sul/*sur*, a integração cultural no Mercosul, o papel do crítico ou do intelectual na sociedade contemporânea, pluralismo vs. engajamento, a história literária transformada em ficção e a historiografia. Diga-se de passagem que as colaborações hispano-americanas ou escritas em espanhol alternam-se regularmente com os artigos brasileiros em grande parte do volume.

A obra inicia-se com o importante ensaio “Democratização no Brasil —1979-1981 (Cultura versus Arte)”, de Silviano Santiago, ensaio esse que foi publicado, em outra versão, em recente número da *Revista Iberoamericana* (LXIII/180 [jul.-set. 1997]: 363-377). Nele, o crítico trata a época da Abertura, quando a resistência à ditadura militar e a coesão das esquerdas começaram a definharem, cedendo lugar a um Brasil mais democrático e multívoco. Aliás, esse é o momento também, segundo ele, em que a arte nacional “deixa de ser literária e sociológica para ter uma dominante cultural e antropológica” (11) e as barreiras modernistas entre a cultura erudita e a do *pop* vão-se diluindo. Silviano cita entre os importantes temas inaugurados nesses anos nos colóquios de artistas e intelectuais a tentativa de incorporação não só da cultura popular e midiática como também das classes populares, do negro e de grupos tradicionalmente marginalizados.

Vários outros artigos do volume tratam direta ou indiretamente o tópico do título. É o caso, por exemplo, do ensaio “Volver: Por uma Ruptura Imanente”, de Raul Antelo, um dos organizadores do congresso e do presente livro, assim como dos artigos “Paradojas, postmodernas: las carreras de Aquiles progresista y la tortuga artista”, de Ana Camblong, “Cultura e Industrialização—Racionalidade e Instrumentalismo”, de João Pissarra Esteves, “Sublime da Estética, Corpo da Cultura”, de Ítalo Moriconi, “Intelectuales Hoy: Ni anfitriones ni turistas”, de Adriana Rodríguez Pérsico, e “As Artes: Várias Vidas, Várias Mortes”, de Paulo Filipe Monteiro. Tais colaborações, e as de Pablo Rocca (“Intelectuales y editoriales: las nuevas reglas del juego, un paralelo entre Argentina y Uruguay”), Eneida Maria de Souza (“Os Livros de Cabeceira da Crítica”) e Maria Lúcia de Barros Camargo, outra das organizadoras (“Resistir: Quem Há de?”), debruçam-se também sobre o papel do intelectual na época atual. Analisa-se outrossim, em alguns desses casos, bem como nos de

“Preludios y tintos de la industria cultural: el caso venezolano”, de Raquel Rivas Rojas, “Tecnología Mediática e Inovação Literária”, de Joris Vlasselaers, e “O Anjo e o Trapézio —Prazer Estético e Indústria Cultural”, de Tereza Virgínia de Almeida—outra organizadora do volume— as múltiplas dimensões da cultura *pop* ou midiática, a relação desta com a cultura tradicional e a “alta cultura” das elites e as várias decorrências globalizantes assim veiculadas. Ainda outros ensaios, como “Integração ou Intercâmbio?: Complexidades das Relações Sul/Sur”, de Tânia Franco Carvalho, e “Identidad, territorios, diversidad: para pensar la integración cultural en el Mercosur”, de Roxana Patiño, dedicam-se a examinar as implicações de uma possível integração cultural dos países membros do Mercosul, com as suas vantagens e desvantagens, assim como os inevitáveis empecilhos que lhe ficam pela frente.

Não é possível, dentro dos limites da presente resenha, mencionarmos todas as colaborações do livro nem mesmo tecermos maiores considerações a respeito das abordagens acima enumeradas. Convém reiterarmos, no entanto, o caráter internacional e, sobretudo, *ibero-americano* do projeto, fato esse que se afigura importantíssimo, a nosso ver. Basta olharmos a temática de vários dos pesquisadores aqui incluídos para constatarmos que, além dos diversos casos de brasileiros que escrevem sobre questões brasileiras, de argentinos que tratam sobretudo autores e temas argentinos, aparecem estudos de *scholars* brasileiros, argentinos, uruguaios, portugueses, etc., que antes focalizam tópicos comparativos se não teóricos e/ou universais. De igual modo, ao lado dos diversos ensaios latino-americanos que se ancoram principalmente nas fontes européias e norte-americanas de praxe (Foucault, Derrida, Lyotard, Deleuze, Bourdieu, Adorno, Benjamin, Gramsci, Williams, Eagleton, Jameson, Said, Hall, Clifford, White, Sontag etc.), encontramos ensaios redigidos por estudiosos hispano-americanos escorados nos pensamentos de Oswald de Andrade, Haroldo de Campos e Renato Ortiz, trabalhos de críticos literários e culturais brasileiros que se remetem às obras de Ángel Rama, Octavio Paz, Beatriz Sarlo, Néstor García Canclini, e Ernesto Laclau. Em “Economias Simbólicas: O Açúcar e o Tabaco nas Dobras Culturais da Matéria”, Ana Luiza Andrade, outra das organizadoras, faz um estudo comparativo incorporando não só as noções expressas a respeito por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e João Cabral de Melo Neto mas também as afirmações pertinentes de intelectuais hispano-americanos como Cabrera Infante, Lezama Lima e Fernando Ortiz.

*Declínio da Arte, Ascensão da Cultura* assim representa um passo importante no itinerário crítico latino-americano —menos pelas novas verdades que proclama do que pela sua proliferação de vozes a travarem, entre si, um colóquio “herético” sobre verdades antigas.

*University of Pittsburgh*

BOBBY J. CHAMBERLAIN